

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i31.833>

ANTONIO LINARD: um industrial no sertão do Cariri cearense¹

ANTONIO LINARD: an industrialist in the backlands of Cariri, Ceará

ANTONIO LINARD: un industrial del interior de Cariri Ceará

NAUDINEY DE CASTRO GONÇALVES

Doutor em História (UNIRIO).

Professor do Instituto Federal do Piauí

Teresina, Piauí, Brasil

naudineycg@gmail.com

Resumo: O tema deste artigo está relacionado à cultura e economia da cana-de-açúcar na região do Cariri cearense, mais especificamente às mudanças tecnológicas observadas pelos engenhos de madeira movidos a água ou tração animal ainda na década de 1930, a posterior modernização com a fabricação de engenhos de ferro movidos a vapor – como a promovida pelo fabricante local Antonio Linard – até a chegada da Usina Manoel Costa Filho na região, em meados da década de 1970, quando a nossa pesquisa se encerra.

Palavras-chave: Cariri cearense. Patrimônio industrial. Engenhos de açúcar.

Abstract: The theme of this article is related to the sugarcane culture and economy in the Cariri region of Ceará. More specifically, to the technological changes observed by water powered wooden mills or animal traction still in the 1930s, the later modernization with the manufacture from steam powered iron mills - such as the one promoted by local manufacturer, Antonio Linard - until the arrival of the Manoel Costa Filho Mill in the region, in the mid-1970s, where our research stops.

Keywords: Cariri Ceará. Industrial heritage. Sugar mills.

Resumen: El tema de este artículo está relacionado con la cultura y economía de la caña de azúcar en la región de Cariri en Ceará, más específicamente con los cambios tecnológicos observados por los ingenios de madera propulsados por agua o tracción animal aún en la década de 1930, la posterior modernización con la fabricación de ingenios de hierro a vapor – como el que impulsa el fabricante local Antonio Linard – hasta la llegada de la Usina Manoel Costa Filho a la región, a mediados de la década de 1970, cuando finaliza nuestra investigación.

Palabras clave: Cariri en Ceará. Patrimonio industrial. Ingenios de azúcar.

Introdução

O Mestre Antonio, pai de Maragton, teve a história marcada por uma visita de Lampião e seu bando à fazenda do Coronel Santana. Conta-se que o rei do cangaço demandou serviço de limpeza dos armamentos, sendo indicado para a tarefa o jovem Antonio. Desempenhou a tarefa com tamanha maestria que, ao final, Lampião passou o famoso chapéu de aba virada entre seus homens, recolhendo generosa contribuição, que permitiu Antonio a aquisição de um torno mecânico².

¹ Artigo submetido à avaliação em agosto de 2020 e aprovado para publicação em dezembro de 2020.

² LEAL, Angela Barros. *40 anos do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico no Estado do Ceará*. Fortaleza: SIMEC, 2011. p. 227.

Em um sentido geral, o final do século XIX representa para a história dos engenhos a mudança de uma produção agrária de pequenas proporções para uma economia industrial de larga escala e uma revolução associada aos processos produtivos em busca de uma modernização da agroindústria açucareira brasileira, desencadeada a partir da promulgação da Lei nº 2687 de 1875, de regulação dos engenhos centrais. Esse processo, no entanto, não foi uniforme, houve especificidades locais. No caso do nosso objeto de estudo, o Ceará, os engenhos centrais não estiveram presentes.

Alagoas, Maranhão, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro vivenciaram o funcionamento dos engenhos centrais como uma transição dos engenhos para a usina. O Ceará experimentou uma modernização tardia e o sul do Estado, com longeva tradição canavieira, só transitou para a agroindústria no último quartel do século XX.

De acordo com a definição de Gadiel Perruci, o engenho central “é uma fábrica moderna, aberta, que funciona segundo os princípios da economia capitalista dos fins do século XIX e que é, portanto, submetida às leis do mercado livre”³. Este empreendimento contrastaria com os engenhos tradicionais, de vocação artesanal, exatamente por ter sido criado “para conciliar as relações de produção agrária tradicional com as mais modernas técnicas de fabricação de açúcar.”⁴

No Cariri, pela ausência de engenhos centrais, o que pudemos observar foi uma mudança gradativa nos processos e instrumentos usados nos engenhos de rapadura até o surgimento da usina, representada pelo processo industrial da produção agrícola.

[...] a usina representa a consolidação do capital industrial e financeiro no campo, que, a partir de agora, passa a controlar sozinho todo o processo econômico do açúcar; desde a cultura da cana até a distribuição comercial, passando pela fase industrial. Neste sentido, a usina é a síntese das duas etapas precedentes da revolução açucareira. Ela se harmoniza também com as grandes linhas do desenvolvimento brasileiro durante a Primeira República; a supremacia das cidades sobre o campo, o processo industrializante, o domínio do capital industrial e financeiro, nacional ou estrangeiro, sobre as atividades econômicas do país⁵.

Os resquícios materiais e a continuação dos processos de moenda podem remeter tanto às atividades econômicas desenvolvidas no local quanto às relações sociais que se estabeleceram no cotidiano da região, como as relações de poder e as influências políticas locais, além de estarem relacionados a períodos de auge ou decadência econômica.

³ PERRUCI, Gadiel. *A República das usinas: um estudo de história social e econômica do Nordeste, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 115.

⁴ *Ibid.*, p. 113.

⁵ *Ibid.*

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

Iniciamos o nosso recorte temporal na década de 1930 por remeter ao início do uso de um torno mecânico pelo inventor que construiu o que ele afirmava ser o primeiro motor a vapor genuinamente brasileiro do gênero. Este acontecimento representou a quebra de um elo de dependência tecnológica à manufatura estrangeira e contribuiu para uma modernização da produção agrícola canavieira local, com o advento da produção de seus próprios engenhos e caldeiras.

Antonio Linard foi um nordestino que estudou inglês e francês para acompanhar os engenheiros que vinham da Europa trabalhar na montagem dos engenhos de ferro no Cariri, localizado a aproximadamente 500 quilômetros ao sul da capital Fortaleza.

O descendente de franceses passou a construir e comercializar os seus próprios maquinários em meio a uma seca severa registrada no sertão cearense, e a qualidade de seus produtos, aliado a um preço competitivo em relação aos importados, consolidou uma marca que expandiu a sua comercialização para além dos limites da Chapada do Araripe.

Ao final de nosso recorte, em 1976, a Usina Manoel Costa Filho, única na região Sul do Ceará a beneficiar a cana-de-açúcar em um processo industrial moderno e em larga escala, entrou em atividade no município de Barbalha, e o seu convívio com as pequenas unidades produtivas reproduziu as mesmas relações de monopólio e concentração fundiária experimentadas por outras regiões e testemunhado pelas ruínas dos seus banguês de “fogo morto”⁶. Neste interim funcionaram concomitantemente engenhos de madeira, também conhecidos como trapiches, com suas pequenas moendas movidas a tração animal e/ou força hidráulica, e os engenhos de ferro, que representavam uma gradativa transição para a mecanização e a substituição de sua força motriz pelo motor a vapor.

No Cariri, o surgimento dos primeiros engenhos e alambiques que utilizavam como matéria-prima a cana-de-açúcar para a fabricação de rapadura e aguardente data da segunda metade do século XVIII. De acordo com a pesquisa de inventários feita por Antônio José de Oliveira, a presença destas unidades de produção familiar proporcionou a ocupação e a organização do território com base na cultura canavieira:

As primeiras reduções indígenas possibilitaram a realização dos principais objetivos da empresa colonizadora. Uma vez encurralados e “doutrinados” os índios pelos Capuchinhos, ficou fácil aos colonos se apossarem das melhores terras nos Cariris Novos. Por toda a segunda metade do século XVIII, intensificou-se o processo de

⁶ Expressão utilizada no universo dos engenhos para se referir às unidades produtivas que encerraram os seus trabalhos diante da concorrência com as usinas modernas e sua produção em larga escala a partir de um complexo sistema industrial, que envolveria novas máquinas (refinarias e turbinas) e profissionais especializados (químicos e engenheiros).

organização do projeto colonizador; as freguesias ganhavam aos poucos as primeiras plantações de cana e os primeiros engenhos de rapadura⁷.

Oliveira nos diz ainda que:

A circulação da rapadura e de outros produtos nas principais feiras da região proporcionava grande lucratividade. Nesse espaço de livres transações comerciais se estruturou uma realidade cultural galgada no intercâmbio sociocultural entre diversos comportamentos de diversas categorias sociais. Organizada basicamente através da produção da rapadura, firmou-se uma sociedade bastante diferente da sociedade açucareira do litoral⁸.

O nosso estudo termina justamente quando se iniciam as transformações trazidas pela instalação do PROÁLCOOL na região. A agroindústria cearense vislumbrou, em meados da década de 1970, um momento favorável ao crescimento econômico no contexto mundial de crise energética que se desenvolveu desde o final do ano de 1973. A oportunidade se deu pelo fato de o Brasil, no ano de 1975, ter criado o Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL), viabilizando projetos que apresentassem alternativas energéticas ao uso do petróleo. A principal razão do novo programa, estabelecido pelo Decreto nº. 76.593, era “salvar” a agroindústria canavieira e ampliar o mercado da indústria mecânica pesada, que já trabalhava com capacidade ociosa⁹.

Maria Socorro Brito afirmou que durante esse período uma série de facilidades foram criadas em decorrência do novo programa energético nacional, como investimentos financeiros a juros subsidiados e que:

Valendo-se do aparato institucional permitido pelo PROÁLCOOL, um grupo empresarial pernambucano, tradicionalmente ligado à indústria do açúcar e do álcool, conseguiu, em 1975, junto à Comissão Nacional do Alcool, através do IAA, aprovação para instalar na área programa “microrregião homogênea do Cariri”, uma usina de açúcar com destilaria anexa – Usina Manuel Costa Filho (Companhia Açucareira Vale do Salamanca – AÇUSA)¹⁰.

De acordo com Gadiel Perruci, em seu trabalho a respeito dos Engenhos Centrais no Estado de Pernambuco, toda usina tende a buscar a sua autonomia em relação à obtenção

⁷ OLIVEIRA, Antônio José de. *Engenhos de rapadura do Cariri: trabalho e cotidiano (1790-1850)*. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003. p. 26.

⁸ Ibid., p. 16.

⁹ ANDRADE, Manuel Correia de. *Modernização e pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1994. p. 236.

¹⁰ BRITO, Maria Socorro. *Mudanças na organização do espaço: o novo e o velho Cariri canavieiro cearense*. Fortaleza: IOCE, 1985. p. 17.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

de matéria-prima para o seu funcionamento. Perruci observou ainda que a tendência dos grandes engenhos foi a da transformação em usina para adequar-se à concorrência.

No Ceará, o modelo agroindustrial representado pela usina contrastou com a pequena unidade produtiva dos engenhos de rapadura da região, e desencadeou mudanças no espaço e nas relações sociais, mas, apesar da redução do número de produtores, isso não significou o desaparecimento completo dessas pequenas unidades e da categoria de trabalhadores a ela vinculados.

Outro aspecto a ser considerado é que a produção de rapadura na região sul do Ceará conviveu com mudanças a partir da modernização da malha rodoviária do Nordeste, em meados do século XX, quando foram criadas rotas de escoamento da produção das usinas de açúcar do estado de Pernambuco. Apesar das transformações, a produção regional nunca deixou de existir e, mesmo durante os períodos de crise enfrentados pela agricultura canavieira, alguns donos de engenho mantiveram a sua produção.

O modelo de modernização dos processos de produção não representou apenas o alinhamento com a revolução industrial, mas também profundas mudanças nas relações sociais, quando pequenas unidades produtivas passaram a conviver com empresários apoiados no modelo agroindustrial dos engenhos centrais e usinas. Esse contexto nos levou a questionar se a região do Cariri cearense reproduziu as mesmas mudanças observadas no campo tecnológico vivenciadas em outras regiões do país onde a cultura canavieira esteve presente.

A pesquisa historiográfica nesse caso teve como desafio considerar como fontes as ruínas de edificações, os diversos materiais utilizados em suas construções, os diferentes processos de fabricação e o seu aparato material, sem esquecer que máquinas modernas conviveram com equipamentos rústicos e que a análise isolada destes vestígios não é suficiente para que se possa estabelecer uma cronologia da técnica e dos seus mecanismos.

Nesse caso, é plausível uma discussão que considere os resquícios materiais da cultura canavieira como fonte histórica para um estudo que envolva tanto a análise das diferentes espécies de máquinas utilizadas nos processos de moenda da cana-de-açúcar, quanto os diferentes exemplares de uma arquitetura que assume características particulares ao longo da Chapada do Araripe.

Os levantamentos a respeito do patrimônio arquitetônico, como os executados pelas secretarias estaduais e municipais de meio ambiente, patrimônio histórico, artístico e de cultura, ofereceram-nos um vasto material relacionado à caracterização de construções vernaculares de engenhos. Outros relatórios relativos aos trabalhos de arqueologia de resgate

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

foram encontrados no Departamento de Arqueologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional – IPHAN, mais especificamente na Superintendência Regional do Ceará.

Durante pesquisa realizada no Maritime Archives & Library do Marseyside Maritime Museum, parte integrante do National Museums da Inglaterra, em Liverpool, em agosto de 2010, tivemos acesso aos arquivos referentes à Companhia Fawcett & Preston Engineering Co. LTD. Os catálogos descrevem todo o maquinário comercializado pela empresa desde 1862. A companhia foi fundada em 1758 por George Perry e consolidou-se como uma das mais importantes fabricantes de máquinas e peças para a indústria açucareira, exportando os seus equipamentos para os principais produtores de açúcar até ser adquirida pela Expament International PLC em 1986.

A metodologia desta pesquisa consiste em estabelecer um diálogo entre os estudos de arqueologia histórica, os levantamentos arquitetônicos dos diferentes tipos de construções de engenhos, a pesquisa bibliográfica e arquivística junto ao acervo da família Linard e os atuais debates a respeito da musealização do patrimônio arqueológico e industrial no Brasil, como os propostos por Rosana Najjar, Beatriz Kuhl, Rosiane Limaverde e Marcos Albuquerque.

O conceito de patrimônio arqueológico pode ser entendido aqui como o conjunto de culturas materiais que fazem referência ao passado da humanidade. Esses bens foram produzidos, construídos e utilizados por grupos humanos no passado. A arqueologia, ao dispor de procedimentos, técnicas e metodologias próprias é a ciência responsável pela interpretação dos vestígios (objetos ou restos de estruturas) e formulação de hipóteses a respeito dos seus usos e significados.

Com a proposta de identificar a influência do maquinário importado na criação das indústrias locais, analisamos o caso do fundador da indústria Linard, localizada em Missão Velha, no Cariri cearense. Conhecido como “Mestre Antônio Linard”, nasceu em 1904 e fundou na década de 1930 a primeira oficina para produção, assistência e manutenção de engenhos da região. A empresa hoje denominada “Antonio Linard Máquinas Agrícolas e Indústria Ltda.” se mantém no mercado produzindo equipamentos para diferentes indústrias. Para o período que propomos analisar, a comercialização das moendas e caldeiras Linard representou o acesso à modernidade para centenas de donos de engenhos que não poderiam adquirir o maquinário estrangeiro.

Afinal, a proposta de uma abordagem interdisciplinar para a pesquisa se apoia, sobretudo, nos desafios que o conceito de “patrimônio industrial” traz para os pesquisadores estudiosos desse tema. Sendo este um campo novo de investigação, um olhar marcado por

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

esse interesse exige uma abordagem que possa se favorecer de elementos trazidos por arqueólogos, antropólogos, museólogos e por outros campos do saber, e em que o historiador possa ser inserido como mais uma possibilidade de diálogo.

O sertão do Cariri cearense

O Cariri cearense é conhecido como o “Oásis do Sertão”, pois propicia a formação de ecossistemas como o brejo e o pé de serra, considerados como áreas ideais para o cultivo da cana-de-açúcar, e, com isso, conferindo à região semelhanças com a Zona da Mata pernambucana ou com os brejos paraibanos. José Anastácio Vieira, na apresentação da obra *Engenhos de Rapadura do Cariri*, relembra a diferença entre o Cariri Paraibano e o Cariri localizado aos pés da Chapada do Araripe:

Há no Nordeste, duas regiões distintas que recebem a denominação de Cariri. Chamavam-nas os antigos, para distingui-las bem, de Cariris Velhos, a que fica na Paraíba, e de Cariris Novos, a que se encrava no sul do Ceará. A primeira é das zonas mais secas do sertão paraibano, a outra situa-se justamente na parte mais fértil da terra cearense. Vieram tais nomes do grupo de índios cariris, cujos remanescentes perduram em alguns pontos do Nordeste¹¹.

Localizado no extremo sul do Estado, é marcado pela presença da Bacia Sedimentar do Araripe, conhecida por ser um importante depósito fossilífero formado há 120 milhões de anos e que se estende para os estados da Paraíba, Pernambuco e Piauí, com o os quais o Ceará faz fronteira, perfazendo um total de 5.025,6 Km².

A Região Metropolitana do Cariri (RMC), antigamente denominada de CRAJUBAR, por congregar as iniciais dos municípios-polo do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, possui uma população de 601.817 habitantes, número estimado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2017. De acordo com o Banco do Nordeste, a região do Cariri abrange 33 municípios encravados ao longo da fronteira com Pernambuco, até os limites do Piauí e da Paraíba, pelo prolongamento da Chapada do Araripe¹². Esta divisão, a qual utilizaremos no presente trabalho, compreende os seguintes municípios, distribuídos em cinco microrregiões:

a) Sertão do Salgado: Baixio, Cedro, Ipaumirim, Lavras da Mangabeira, Umari;

¹¹ VIEIRA *apud* FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura do Cariri*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1958. p. 7.

¹² MONTEIRO, Ângela Maria Cunha; SANTOS JUNIOR, José Neiva (coord.). *Estudo da competitividade do sistema agroindustrial da cana-de-açúcar na região do Cariri*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001. p. 14.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

- b) Serra de Caririaçú: Altaneira, Antonina do Norte, Assaré, Caririaçú, Farias Brito, Granjeiro, Tarrafas e Várzea Alegre;
- c) Sertão do Cariri: Abaiara, Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Penaforte e Porteiras;
- d) Chapada do Araripe: Araripe, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi, Salitre e Santana do Cariri;
- e) Cariri: Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte e Missão Velha.

Localizado na confluência dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí, o Cariri-Araripe guarda equidistância das principais capitais da região e beneficia-se por um ecossistema formado pela chapada do Araripe e vales úmidos, em meio ao sertão semiárido. A rica biodiversidade de seu meio ambiente, a presença de numerosas fontes naturais que se abrem sobre os vales, as notáveis reservas florestais e paleontológicas encontradas na chapada, enfim, sua natureza privilegiada faz o Cariri-Araripe parecer um oásis e inspirar visões de um paraíso terreal, em pleno coração do Nordeste¹³.

O Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda veiculou em 1942 uma publicação intitulada *Município de Crato*, que apresentava o diverso universo socioeconômico de um dos polos do sul do Estado. Com uma população estimada em 40.453 habitantes à época, são apresentados aspectos físicos do Cariri cearense a partir da onipresença da Serra do Araripe, de modo a ressaltar aspectos econômicos, a situação cultural e a administração municipal. Em sua introdução, apontava que:

Do Araripe jorram, perenemente, mais de 50 fontes, sendo as águas aproveitadas na irrigação das terras cultivadas e no fornecimento de luz à cidade. As águas da nascente do Rio Batateiras, com uma capacidade de vazão de 240 litros por segundo, foram represadas e aproveitadas para a instalação da possante Usina Hidro-Eletrica. As ubérrimas bacias dos rios Carás e Batateiras são as principais bacias do município do Crato.

Facilitando a comunicação permanente com outros centros comerciais e outros parques industriais, o município do Crato está ligado à Fortaleza por uma ferrovia e uma rodovia de 599 e 563 quilômetros, respectivamente e a várias localidades dos Estados vizinhos de Pernambuco, Paraíba e Piauí, por inúmeras estradas carroçáveis, onde é intenso o movimento de automóveis, ônibus e caminhões. A Estação da R.V.C., no Crato, arrecadou no ano de 1941 a importância de 1.419:129\$600.

A agricultura é, sem nenhuma dúvida, a maior fonte de riqueza do município do Crato, para isto contribuindo em grande parte a sua situação geográfica. As terras que ficam localizadas no sopé do Araripe – donde jorram perenemente inúmeras fontes d'água que são aproveitadas na irrigação das terras cultivadas beneficiando, assim, a população rural – são fertilíssimas, mesmo nos momentos mais agudos das secas. A agricultura, nestes últimos tempos, particularmente no município do Crato, tomou um grande incremento e os velhos processos de cultura da foice e da enxada cedem lugar às modernas maquinarias. A mandioca, a cana de açúcar, o algodão, o milho, a mamona e o próprio pequi, são cultivados em grande escala. Só a Estação

¹³ BARROSO, Oswald. *Ceará mestiço*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 63-64.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

da R.V.C., no período de 1941, despachou 8.421.116 quilos de mamona, 529.613 quilos de algodão em pluma e 266.040 quilos de caroço de algodão¹⁴.

Manuel Correia de Andrade, em seu livro *Modernização e Pobreza*, assim descreveu as condições naturais da região sul do Ceará:

No Vale do Cariri, a cana pode se expandir nas porções mais baixas, nos brejos e nos pés de serra, porque ele fica situado ao norte da Chapada do Araripe, que tem a sua estratificação formada por camadas de rochas sedimentares inclinadas para o norte. A água que se infiltra na chapada desce até encontrar camadas de rochas impermeáveis e escoar em direção ao Vale do Cariri, que corre paralelamente ao norte da chapada em direção ao Rio Salgado, afluente do Jaguaribe. Nas serras, ela se desenvolve devido à temperatura mais baixa decorrente da altitude e da forte condensação do vapor d'água em contato com o solo, além das chuvas de conversão¹⁵.

O autor afirmava que a configuração climática e geográfica observada no Vale do Cariri é privilegiada em comparação com a realidade que se apresenta nas regiões vizinhas, como o Sertão Central, onde é possível observar, durante os cíclicos períodos de seca, o flagelo da população e os consequentes processos de migração.

Ao abordar a bonança do fértil vale, José de Figueiredo Filho, em sua obra *Engenhos de rapadura do Cariri*, atenta para as construções identitárias dos habitantes da região:

Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, o seu Cariri de sertão. Não toma a palavra sertão em seu sentido mais amplo, na acepção de zona do interior, afastada da faixa litorânea. O Cariri, do Ceará, é uma espécie de zona da mata pernambucana, ou dos brejos da Paraíba. É o verdadeiro oásis cearense como muitos o denominam. É uma ilha verdejante cercada da zona sertaneja criadora. No tempo de estiagem é que o contraste da natureza se torna bem flagrante. Dos pés de serra do Araripe brotam dezenas e dezenas de fontes perenes que derramam a fertilidade na região. As quedas pluviométricas, graças também à proteção carinhosa do Araripe, são das melhores do Nordeste. Mas, há zonas de serra e outras mais baixas, sem água regadia, férteis também, mas, que não se prestam à lavoura canavieira. São utilizadas noutras culturas, completando assim a riqueza agrícola da terra¹⁶.

Além de suas especificidades ambientais, o Cariri é reconhecido como um ponto de confluência sociocultural. Migrantes de todo o Nordeste expressam a sua fé e devoção à Mãe das Dores, padroeira de Juazeiro do Norte, e, sobretudo, ao Padre Cícero Romão Batista, personagem político e religioso, cuja presença é marcante, mesmo após décadas de sua morte.

¹⁴ GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. *Município de Crato*, 1942.

¹⁵ ANDRADE, op. cit. p. 115.

¹⁶ FIGUEIREDO FILHO, op. cit., p.21.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

A forte religiosidade dos romeiros e dos habitantes distingue-se pela grande quantidade de comércio de produtos religiosos e pelo rico calendário de festividades, comemorado fielmente pelos devotos.

As cinco grandes romarias que acontecem no município de Juazeiro do Norte (Romaria da Mãe das Dores, Romaria de Finados, Romaria do Ciclo Natalino, Romaria de São Sebastião e Romaria das Candeias) caracterizam a cultura popular religiosa da região. Sua riqueza pode ser percebida ainda na dinâmica cultural encontrada nos brincantes de reisados, na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, no inconfundível trabalho em couro do mestre Espedito Seleiro, na arte em madeira de Manuel Graciano, no ofício de santeiros, nas bandas cabaçais e mesmo no comércio que movimentava a região, um entreposto localizado no sertão, com rotas frequentemente vindas dos estados vizinhos.

A indústria Linard

A Indústria Linard, que mantém o seu funcionamento nos dias atuais, foi idealizada pelo senhor Antonio Linard, filho de um imigrante francês, que se deparou com a demanda por assistência técnica para os engenhos de ferro já instalados no Cariri ainda na década de 1930. De acordo com uma carta de apresentações da empresa, o objetivo do empreendimento era “colaborar com o desenvolvimento canavieiro da região, através da implantação de equipamentos apropriados para a fabricação da rapadura”. Hoje denominada “Antonio Linard – Máquinas e Construções Técnicas”, já recebeu o nome de Indústria “Antonio Linard – Máquinas Agrícolas e Industriais Ltda”.

Em sua página na internet, a empresa apresenta a produção de

[...] uma completa linha de equipamentos para industrialização de doces, cana-de-açúcar (aguardente, álcool, açúcares mascavo e cristal e rapadura), gesso, óleos essenciais, casa-de-farinha, biodiesel, fundidos (ferro cinzento, bronze, alumínio e cobre), estrutura metálica de grande e médio porte, motores a vapor horizontal e vertical, usinas de biodiesel, além de caldeiras geradoras de vapor em vários tamanhos. Conta também com capacidade para desenvolver projetos de acordo com as especificações do cliente¹⁷.

O desenvolvimento de projetos e instalação de equipamentos são executados por especialistas em usinagem, fundição, carpintaria e caldeiraria.

¹⁷ Disponível em: <http://www.linard.com.br/empresa.php>. Acesso em: 20 set. 2019.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

O jornal *O Povo* de 02 de outubro de 1983 destacou a matéria intitulada *No Cariri empresa comemora 50 anos*, que trazia uma breve biografia do pioneiro nascido em Santana do Cariri.

Contam em Missão Velha, que foi debaixo de um velho cajueiro que Antônio Linard – o Linard – como é conhecido, montou sua primeira oficina. Trabalhava como ferreiro, serralheiro, em tudo. À medida que o tempo passava, o trabalho ia aumentando. A situação financeira melhorou também, e ele partiu para a montagem de uma pequena fábrica, localizada bem no centro de Missão Velha¹⁸.

Ainda de acordo com a reportagem:

O mais importante, para a família e os muitos admiradores de Linard, é que ele nunca obteve ajuda financeira de nenhuma fonte, nem nunca elaborou projetos para financiamentos oficiais. Sempre se houve com recursos próprios, e contam que ele costuma dizer que “se não der certo, ponho a chave no bolso e vou pra casa”.

A observação acurada da montagem, estrutura e funcionamento de máquinas diversas é um detalhe curioso deste empresário: ele simplesmente fabrica estas máquinas, sem nunca haver estudado engenharia mecânica, nem eletricidade, nada. Ele mesmo fabrica, por outro lado, guinchos, tornos e todos os demais equipamentos e instrumentos que a empresa necessita para sua operacionalização.

Existem máquinas fabricadas por Linard em Santa Catarina, que foram também por ele montadas. No Maranhão, Pará, Rio Grande do Sul e mais recentemente, na Amazônia, existem caldeiras fabricadas em Missão Velha. Agora mesmo, Linard projetou e construiu um motor a vapor, com capacidade para tracionar um grupo gerador de 250 C/V. Este motor foi apresentado à sociedade, e aos agricultores da região, antes de ser transportado para uma serraria localizada no Estado do Pará, que o encomendou e adquiriu. Segundo informações de Linard, a serraria, antes, consumia cerca de 600 litros de óleo diesel por dia. E agora, com o motor a vapor acionando o gerador, será feita uma economia da ordem de Cr\$ 120 mil por dia, mesmo com a caldeira funcionando 24 horas por dia. O motor fabricado em Missão Velha é capaz de alimentar de energia uma cidade de até 10 mil habitantes, e para o povo do Cariri, “- é uma solução para as pequenas cidades da Região Amazônica”, que não contam com benefícios da iluminação, devido à dificuldade de transporte, à carência e aos elevados custos para se levar, até lá, o óleo diesel empregado normalmente nas unidades geradoras de energia¹⁹.

Com a ausência de uma siderúrgica no Ceará, a Indústria Linard demandava a aquisição de matéria-prima em outros estados do país. De acordo com a pesquisa realizada por Maria Rosineide Farias, o Pernambuco fornecia chapas de aço, tubos, manômetros, injetoras, buchas, rolamentos e parafusos. O carvão era comprado de São Paulo e tintas e motores fornecidos por Santa Catarina²⁰.

¹⁸ *O Povo*, 2 out. 1983.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ FARIAS, Maria Rosineide. *A representatividade do grupo Linard para a economia de Missão Velha*. 1996. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Regional do Cariri, Crato, 1996. p. 24.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

Ainda segundo a autora, materiais denominados “secundários”, como brocas, ceras, pedras de esmeril, videas, eletrodos, lixas, parafusos, ferramentas de corte, bits, sucatas, bicos de corte e bedames, eram adquiridos nas praças do Recife, em Pernambuco e em Fortaleza, no Ceará.

Nascido aos 20 de Julho de 1904, no município de Santana do Cariri Antônio Linard é filho do artesão Serafim Linard (francês) e de Ma. Tomás de Aquino (brasileira). De família simples viveu sua infância na sua cidade natal, ao lado de seus pais e irmãos. Teve como exemplo seu pai que era artesão em cobre e também seu mestre e lhe ensinara o ofício do artesanato. Desde cedo, com 14 anos, já confeccionava tachos, alambiques e trabalhava na agricultura. Com a morte de seu pai (1919) Antônio Linard chama para si a responsabilidade de sustentar a mãe e irmãos menores.

Em 1921 mudou-se para Orós, trabalhando numa companhia Americana responsável pela construção da bacia hidrográfica e da estrada de ferro daquela região. Destacou-se pela sua capacidade engenhosa e criativa, ocupando o cargo de chefe de oficinas mecânicas. Volta a Santana do Cariri em 1923, monta uma oficina mecânica, começando a realizar seu sonho de construir seu próprio negócio. No ano seguinte falece a sua mãe e em 1925 aos 21 anos casa-se com Amélia Silva.

Em 1931 instala-se em Missão Nova (distrito de Missão Velha) para dar assistência aos engenhos dali. Dois anos depois foi morar em Missão Velha e instalou uma pequena oficina e que mais tarde se transformou na firma Antônio Linard. Batalhador, procurou em vão obter recursos junto as autoridades governamentais para desenvolver seus projetos. No entanto, não desistiu de seus ideais. Em 1936 criou e construiu, por conta própria o primeiro motor a vapor genuinamente nacional, revolucionando a mecânica brasileira. Esse foi vendido e a caldeira que fazia parte do conjunto funciona até hoje. Com isso Antônio Linard ganha credibilidade e as propostas de trabalho vão surgindo. Em 1938 começa realmente a construir a sua sonhada oficina mecânica. Adquirindo matérias-primas e ferramentas então, pode aperfeiçoar seus inventos dia-a-dia superando as dificuldades²¹.

As informações biográficas apresentadas por Maria Rosineide Farias podem ser corroboradas ao serem confrontadas com uma carta redigida e assinada pelo próprio senhor Antonio Linard, em Missão Velha, em 02 de janeiro de 1960, e intitulada *Síntese do que já fiz e o que preciso para concluir minha obra*. A seguir apresentamos a transcrição do referido documento identificado durante a nossa pesquisa junto ao acervo da família:

Há 28 anos cheguei a esta Cidade de Missão Velha, trazendo uma pequena Oficina Mecânica, onde passei a fazer reparos e montagens de maquinismos.

Naquela época o Cariri era uma região inteiramente desprovida de Oficina Mecânica e Fundição; - Por este motivo todos maquinismos existentes aqui, quando nos seus reparos, substituições de peças etc., eram dependentes das Oficinas de Fortaleza, Campina Grande ou Recife.

Continuei trabalhando com a ideia nunca vencida, nesta região pobre, isolada de tudo concernente a Mecânica e Fundição, sem recurso, sem crédito e sem ajuda de pessoa alguma, somente com ORDEM E CORAGEM montei um forno “Cubilot”, então passei a fase seguinte, tão pesada ou mais que a primeira, pois nessa altura

²¹ Ibid., p. 21-22.

evolutiva tinha eu que CRIAR – DESENHAR – MODELAR – MOLDAR – FUNDIR E UZINAR.

Criei um tipo de Motor a Vapor, sem Operários práticos que pudessem ajudar-me e sem recurso monetário que pudesse importar pelo menos um Operário capaz, tive que fazer tudo inclusive a própria caldeira com as minhas próprias mãos. Essa primeira unidade que compunha-se de um Motor horizontal com força de 12c/v; e uma Caldeira horizontal tubular cilíndrica com todos pertences de modelo e fabricação meus, foi vendida ao Senhor Dirceu Inacio de Figueiredo no ano de 1935 e até a presente data ainda se acha prestando pleno serviço. – A seguir veio a grande procura de diversos motores a vapor pelo seu fácil manejo, economia de combustível, resistência e polimento, e para atender a citada procura criei mais 4 tipos e tamanhos, modelos privativos meus com força de 8, 15, 18 e 25 c/v;

Existia grandes prejuízos causados pelos constantes desmantelos dos péssimos engenhos fabricados na Inglaterra, e já encostados nas usinas de Pernambuco e Alagoas, onde eram adquiridos pelos proprietários de sítios daqui do Cariri. Tomei a frente de uma nova carga, fabriquei o meu modelo, e decorrente da grande aceitação que teve, tenho atualmente uma linha de 10 tipos e tamanhos, sendo 6 para força motriz e 4 para tração animal, todos dando superior resultado a qualquer outra marca vista no Brasil.

Naqueles tempos eu já tinha bons conhecimentos das necessidades imediatas desta região e do Nordeste, estes meus conhecimentos partem do fato seguinte: - conheço o Cariri, suas serras, seus rios e riachos, altos e baixos andando a pé; - Por inúmeras vezes vi os grandes prejuízos causados pelas SECAS que nos assolam periodicamente, e muitas vezes perde-se uma lavoura totalmente por falta de uma chuva ou uma molha, decidi-me então a fazer bombas para irrigação, tomei mais esta carga. – Fiz um tipo de BOMBA CENTRIFUGA de cinco polegadas para produção de 170.000 litros horário, estas já estão funcionando bem desde o ano de 1940.

Depois criei outro modelo de oito polegadas com capacidade para 360.000 litros horário. – Atualmente tem bombas centrífuga de minha fabricação instaladas aqui no Cariri, outras na Paraíba, no Rio São Francisco, no Rio Salitre no Estado da Bahia, no Rio Poti e Parnaíba no Estado do Piauí, e no Estado de Rio de Janeiro.

Tenho feito muitas outras máquinas para indústria, tenho muitos projetos a serem realizados, não sei se realizarei porque isso depende da boa vontade dos Poderes Público, não em forma de subvenção nem com empréstimo através de banco ou outra qualquer forma, é pela força mais simples conforme meu modo de entender que é o seguinte: - dando-me uma isenção de impostos Estadual e Federal pelo período de cinco anos, só poderei terminar as minhas instalações.

Eu quisera que, antes de tudo sendo possível arranjassem uma comissão de Técnicos que entendam o que é indústria pesada, - indústria que faz indústria, serve diretamente ao Agricultor, que faz de um aprendiz um Técnico para trabalhar e produzi ajudando assim a engrandecer a terra em que vivemos²².

As máquinas produzidas pela Indústria Linard podem ser encontradas em todos os Estados do Nordeste, em São Paulo no Sudeste, em Santa Catarina e Paraná ao Sul e nos Estados do Pará, Amazonas, Rondônia e Roraima ao Norte. Destacam-se os engenhos para moenda de cana-de-açúcar de três e seis moendas, os alambiques contínuos e de fogo direto e as caldeiras a vapor (horizontais e verticais). Estas últimas produzem energia para a utilização em outros equipamentos a partir do calor gerado pelo vapor de água, e o seu uso foi

²² CARTA DO SENHOR ANTONIO LINARD INTITULADA “SÍNTESE DO QUE JÁ FIZ E O QUE PRECISO PARA CONCLUIR A MINHA OBRA”. 02/01/1960.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

identificado em curtumes, fábricas de jeans, usinas de açúcar, fábricas de doces e em hospitais.

Com a administração a cargo da família, a mão de obra empregada para o funcionamento da indústria estava atribuída a funcionários que receberam treinamento nas próprias dependências da fábrica. Os aprendizes desempenhariam as funções de torneiros mecânicos, fundidores, soldadores e trabalhadores dos setores de caldeira e serraria, de acordo com as suas habilidades e vocações.

A área de produção de equipamentos é um setor que exige do funcionário certa habilidade, pois requer rapidez na utilização de máquinas (guindaste, máquina de corte, etc.) e ferramentas (furadeira, prensa, tornos mecânicos). É necessário que o funcionário tenha desenvolvido alguma habilidade de outros trabalhos (serraria, mecânica até mestre de obras), visto que o fato de não existirem outras indústrias que fabricam esse tipo de material, se torna impossível a contratação de pessoal da cidade que seja especializado na produção de equipamentos e máquinas²³.

Em setembro de 1957, o senhor Vicente Soares, Coletor Estadual em Missão Velha, atestou que o Senhor Antonio Linard havia ampliado as instalações de sua fábrica, resultando em um aumento de sua produção em ordem de vinte e cinco por cento. O documento buscava corroborar com a iniciativa do industrial em busca de subsídios junto ao Governo do Estado do Ceará.

Ainda em 1957, a Indústria Linard seria convidada a participar da 1ª Feira de Amostra do Cariri, uma iniciativa para a divulgação de produtos manufaturados oriundos do Sul do Estado junto à população da capital Fortaleza. Esta foi uma oportunidade para apresentar ao poder público as potencialidades de investimento em uma área com forte potencial industrial em virtude da energia elétrica produzida pela Usina de Paulo Afonso. Até o final da década de 1950, o Senhor Linard perseveraria em sua comunicação com os dirigentes políticos, como pode ser verificado em carta endereçada ao Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

Em 1959, Antonio Linard encaminhou uma correspondência à Câmara Federal no Rio de Janeiro, endereçada ao Deputado Colombo de Sousa. Nela, era solicitada do advogado e político cearense o intermédio para acessar matéria-prima diretamente da Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda. Conforme a resposta do General Edmundo de Macedo Soares e Silva, Presidente da CSN, não seria possível atender à solicitação, tendo em

²³ Ibid., p. 47.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

vista a impossibilidade de atender a pequenas quantidades, indicando um representante para fornecimento em Fortaleza.

Durante o Regime Militar de 1964 a 1985, o Senhor Linard realizou esforços para manter as instalações de sua indústria pesada. Em carta dirigida à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, em Recife-PE, relatou a sua peregrinação pelos Estados do Nordeste em busca de atender à demanda dos clientes das margens do Rio São Francisco recém-atendidos pela eletricidade fornecida pela Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso.

Em 1970, o Senhor Linard manteve correspondência com o Governador do Estado do Ceará, Plácido Aderaldo Castelo, e com o Presidente da República, Emílio Garrastazu Médici. Nas duas cartas, fica patente o alcance do trabalho desse homem que criava, desenhava, modelava, fundia e usinava metal pesado para a construção de caldeiras, motores a vapor, bombas centrífugas e diversas engrenagens para engenhos de cana e de farinha. O sucesso desse inventor despertou a antipatia de conterrâneos, como verificado em Relatório de Sindicância dirigido ao Governador do Ceará, Coronel Cesar Calls.

Ao final da década de 1970, a Indústria Linard alcançou prestígio junto a um seleto grupo da indústria pesada nacional. Conhecido como “*O inventor de Locomotivas e Caldeiras*”, Antonio Linard consolidou uma reputação de competência e eficiência, comprovada pela longevidade de seus maquinários e pela extensa carta de clientes que alcançavam o Sul do país e extrapolavam os limites do Norte e Nordeste, atingindo o Suriname.

A sua morte em 1983 foi amplamente divulgada na imprensa sertaneja, e em 1984 o Clube de Engenharia do Cariri criou o troféu Antonio Linard concedido aos que colaboram para o desenvolvimento da região.

Considerações Finais

A biblioteca do senhor Antonio Linard é composta por manuais e livros técnicos de mecânica e engenharia. Alguns títulos se destacam, como o “Manual do Fogueiro”, publicado pela Livraria Bertrand de Lisboa, o “Manual prático do mecânico” e o “Manual prático de fundição” publicados no Brasil pela Livraria e Editora Hermus. Também foram identificados títulos em espanhol, como “La escuela del técnico mecánico: tratado de mecânica y de sus ciencias auxiliares destinado a la enseñanza autodidáctica” e “Metalurgia”, ambos publicados pela Editorial Labor S.A. de Barcelona.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 297-312. ISSN: 1808-8031

A temática das obras é voltada para a formação de aprendizes de ofício, projetistas, técnicos e engenheiros mecânicos, desenhistas técnicos, torneiros, ajustadores, ferramenteiros, funileiros e todo um universo voltado à metalurgia, e demonstra a perspicácia de um autodidata que, mesmo sem formação acadêmica, inovou na criação e produção de máquinas agrícolas.

A leitura de um mapa com a clientela da Indústria Linard trouxe-nos a reflexão de que as máquinas produzidas no Cariri são testemunhas materiais de um período incipiente da industrialização no Nordeste. É intrigante imaginar que é possível encontrar exemplares em pleno funcionamento atualmente e que o comércio extrapolou os limites nordestinos, alcançando o mercado internacional do Suriname, realizando entregas de norte a sul do Brasil. E mesmo as suas sucatas tornam-se fontes possíveis para futuras pesquisas no campo da arqueologia e da cultura material de uma forma geral.